

Programa e Horário

Data:

Início:

Almoço: 13h

Encontro: Praça do Comércio

Distância a percorrer a pé: +/- 7 Km

Duração: 4h

- Praça do Comércio: Regicídio 10 min
- Largo do Município: Proclamação da República 5 min
- Rua do Arsenal: 14 de Maio, camioneta fantasma 10 min
- Subir a Rua do Alecrim
- Rua Ivens: Governo Civil de Lisboa 10 min. – Legião Vermelha
- Rua Serpa Pinto: Polícia de Informações e Leva da Morte 10 min
- Rua António Maria Cardoso: PVDE e Pide 10 min
- Largo da Trindade: Polícia Internacional 5 min
- Largo do Carmo: refúgio de perdedores de revoltas 10 min
- Largo do Rato: o 7 de Fevereiro 10 min
- **Almoço Valenciana**
- Universidade Nova de Lisboa: o 26 de Agosto de 1931, o colégio jesuíta e o regimento de caçadores 5, 10 min
- Av Barbosa du Bocage: atentado contra Salazar 10 min

DO REGICIDIO AO ESTADO NOVO: 29 ANOS DE VIOLÊNCIA EM LISBOA

Contexto sociológico de Lisboa no início do século XX

Nas primeiras décadas do século XX, a população de Lisboa quase que triplicou, face aos últimos indicadores obtidos no final do século XIX, atingindo cerca de 600.000 habitantes, que podiam ser quase um milhão, tendo em conta os erros estatísticos certamente associados a esta “contagem” obtida em condições claramente insuficientes.

Num país em que 80% da população vivia em centros com menos de cinco mil habitantes, Lisboa apresentava-se como a “capital de um país macrocéfalo” como lhe chamou Fernando Rosas, autor de estudos que também serviram de fonte a esta síntese além de Vasco Pulido Valente e António Sérgio.

A plebe urbana lisboeta, nas palavras de Vasco Polido Valente, era uma enorme massa sociológica compósita, que ia desde os indigentes e marginais ao proletariado industrial moderno, passando pelos operários oficinais, os artesãos, os pequenos funcionários e empregados, os caixeiros, os marçanos, os moços de fretes, os pequenos lojistas e os vendedores ambulantes que se cruzam e convivem nos bairros populares.

Nos anos 20 e 30, cerca de 40% da população era composta por empregados do porto de Lisboa, operários fabris e oficinais, cuja maioria, cerca de 1/3 se concentrava nos bairros de Alcântara, Ajuda, Belém, Lapa e Santa Isabel, que compõem o então designado 4º Bairro administrativo, especialmente em Alcântara que com as suas mais de 150 fábricas e sete mil operários, era onde se concentrava o maior agrupamento operário da capital.

O trabalho certo na fábrica, na oficina ou onde quer que fosse, era um privilégio dos operários mais antigos e especializados. A grande maioria de homens e mulheres tinha trabalhos precários, temporários, quando tinha, e sem qualquer espécie de garantias contratuais e proteção social, a não ser para os mais especializados mas mesmo assim limitava-se a algumas vacinas e despesas de funeral.

Em muitos casos, à falta de melhor, os homens davam serventia a obras, eram azeiteiros, descarregadores, vendedores ambulantes. Caso não fossem diretamente para a mendicância ou para a indigência.

O salário médio era de 10 a 11 escudos por dia, se tivesse mulher e três filhos, o comum na altura, precisava de 50 escudos diários para garantir a subsistência, alojamento e necessidades mínimas da família.

Morria-se cedo, de tifo, devido à subnutrição, à falta de higiene e à ausência de cuidados primários de saúde. Morria-se com 40 e poucos anos. A mortalidade infantil estima-se em 150 mortes por cada 1000 nascimentos, ou seja, 15% das crianças morriam à nascença ou no 1º ano de vida. Viviam-se em bairros populares onde a ausência de saneamento, eletricidade, limpeza municipal eram a regra e não a exceção.

A chamada “macrocefalia lisboeta” não era só populacional. Como se constituía no centro da vida política do país, da máquina administrativa e das atividades económicas mais dinâmicas, tudo convergia para Lisboa.

A administração pública de inspiração napoleónica, gizada por Mouzinho da Silveira e consagrada por Costa Cabral, criara um Estado largamente assente no caciquismo que espelhava a reprodução de elites assente no rotativismo oligárquico.

Contudo, há outra Lisboa, pombalina, de rotinas plácidas, beata, ordeira e pacata, em contraste com a Lisboa das Avenidas Novas, com os elétricos, a iluminação elétrica, da água canalizada, dos telefones, dos cabarés. Esta Lisboa bem-sucedida convivia com indiferença ante a realidade de tantos e tantos indigentes, marginais ou operários que viviam abaixo do limiar de pobreza.

Com esta realidade sociológica, política e económica, a cidade de Lisboa transformara-se num verdadeiro barril de pólvora social, terreno fértil para a obtenção de “tropa” que desse expressão aos apetites “revolucionários” de revoltados, criadores de atentados que conduziram naturalmente a conspirações e revoluções. E foi isso mesmo que aconteceu entre 1908 e 1937.

Comecemos então a nossa visita e síntese de acontecimentos que tiveram lugar em algumas artérias de Lisboa pelas quais vamos passar.

Esses acontecimentos marcaram a vida pública do país durante muito mais tempo que a vida daqueles que lhe deram forma. Ficou a História para contar aos vindouros.

Não esqueçam que as pedras e os locais têm memória e por isso devem fazer parte do nosso repositório do tempo. Esquece-las é cumprir o que um dia postulou George Santayana ***“os povos que não conhecem a História estão condenados a repeti-la”***

É o que se pretende evitar.



Porto de Lisboa início do século XX

Síntese dos acontecimentos

O regicídio de 1 de fevereiro de 1908 e a proclamação da República em 5 de Outubro de 1910

Muita tinta correu sobre o papiro da História, e sangue pelas calçadas de Lisboa, versões diferentes existem sobre o mesmo acontecimento, mas uma verdade é incontornável. O Rei de Portugal, Dom Carlos I, foi assassinado na Praça do Comércio, no dia 1 de Fevereiro de 1908, quando regressava de Vila Viçosa, na sequência de uma conjura urdida pela carbonária e pela maçonaria enquanto organizações secretas que visavam o progresso e o desenvolvimento do país e que a monarquia, enquanto instituição secular, não soube acautelar.

Foi assim o século XX português, em que o pretorianismo do exército várias vezes se afirmou como a chave de sucessão de regimes esgotados. Aconteceu em 1910 com a queda da monarquia, em 1926 com o colapso da chamada 1ª República, aconteceu em 25 de Abril de 1974, levando ao derrube da República Corporativa.

Os dois anos e alguns meses que distaram entre este terrível acontecimento viveu-se o ocaso de um regime que cada vez tinha menos ar para respirar. Durante esse período o Rei Dom Manuel II, de 18 anos, reinou sobre uma instituição que estava definitivamente condenada. O gérmen da República impregnava a atmosfera e era praticamente impossível alterar o curso da história e da cadeia de acontecimentos que culminaram com o levantamento de 5 de Outubro, cujo resultado foi comunicado *urbi et orbi*, por Eusébio Leão, a partir da varanda dos Paços dos Concelhos.

Como sabiamente Alex de Toqueville escreveu na sua obra intemporal Da Democracia na América "*não há força que resista a uma ideia cujo tempo chegou*".

Esse tempo chegou em 5 de Outubro de 1910.



Imagem do assassinato do Rei D. Carlos

Três perguntas se colocam e para cada uma delas uma resposta de síntese, até porque o tempo é escasso.

- Quem era essa "gente" da Carbonária?
- Por que razão as elites queriam derrubar a monarquia?
- Como foi possível uma instituição como a monárquica, com 800 anos de História, ter sido derrubada num par de horas?

Retenham algo sobre a dita Carbonária, esta organização estará presente em todos os acontecimentos violentos que tiveram lugar em Lisboa entre 1908 e 1937.

Foram 29 anos ao longo dos quais a sociedade portuguesa foi claramente influenciada por esta ordem iniciática e muitas vezes brutal nos seus métodos.



Desfile de carbonários

Vamos então começar a nossa caminhada que nos levará aos pontos de interesse de cinco acontecimentos: 14 de Maio de 1915; 16 de Outubro de 1918; 19 de Outubro de 1921, 7 de Fevereiro de 1927 e 4 de Julho de 1937. Outros acontecimentos ocorreram em Lisboa que também merecem destaque mas por razões de tempo e percurso da caminhada terão de ficar para outra oportunidade.

14 de Maio de 1915 Revolta contra a ditadura do General Pimenta de Castro

Tendo sido fomentada pelo presidente Manuel de Arriaga e pelo Partido Republicano Português, PRP de Afonso Costa, pelo facto do general liderar uma facção política contrária à entrada de Portugal na Grande Guerra.

O Parlamento foi fechado, mas em ato de protesto os deputados reuniram no Palácio de Santo António do Tojal, em Loures, houve amnistia para os monárquicos presos.

A desordem em Lisboa foi conduzida pelo Eng.º António Maria da Silva, dirigente da Alta Venda, que era o topo da cadeia de comando da carbonaria.

Os principais locais do confronto foram o Alto de Santa Catarina, a Praça do Comércio, o museu militar, o quartel da marinha em Alcântara e a rua do Arsenal.

Este confronto foi o mais violento que aconteceu em Lisboa em todo o século XX, houve 200 mortos e mais de 1.000 feridos.

Manuel de Arriaga renunciou ao cargo de Presidente da República e o general Pimenta de Castro foi destituído, tendo apresentado a sua demissão no quartel do Carmo. O quartel dos derrotados...



Forças vitoriosas afetas ao PRP

16 de Outubro de 1918 Leva da Morte

Episódio sangrento ocorrido quando 153 presos políticos são conduzidos por 253 guardas desde o governo civil de Lisboa com destino ao forte de São Julião da Barra.

Na esquina da Rua Vitor Cordon soam tiros, os guardas abrem fogo, do qual resultou a morte de 7 presos, dos quais se destaca o Senhor Francisco Correia de Herédia, 1º Visconde da Ribeira Brava, que sendo republicano e carbonário, integrava o cortejo dos presos por ser opositor de Sidónio Pais.

A morte do Visconde da Ribeira Brava desencadeia uma sucessão de acontecimentos que levaram, nomeadamente, ao assassinato do presidente Sidónio Pais, cerca de 2 meses depois e mesmo à noite sangrenta de 1921. O sidonismo ganhou vida própria e conseguiu viver sem Sidónio Pais...

Também podemos falar sobre isso.



Local do assassinato de D. Francisco de Herédia, Visconde da Ribeira Brava

19 de Outubro de 1921 Noite Sangrenta (Camioneta fantasma)

Acontecimento ainda hoje envolto em mistério quanto à sua autoria. A partir do Arsenal da Marinha, Rua do Arsenal, uma camioneta que transportava uma guarnição mista de marinheiros e militares da Guarda Nacional Republicana, GNR, dirige-se à residência do primeiro ministro demissionário António Granjo e prende-o, leva também consigo o deputado Cunha Leal. Mais tarde dirige-se a casa do Comandante Carlos da Maia e efetua também a sua prisão.

Por último, foi preso o herói do 5 de Outubro, o Comandante Machado dos Santos também ele um sidonista.

Contudo, como a camioneta avaria no largo do Intendente, o marinheiro que dirige a guarnição, Abel Olímpio, dente de ouro, agrupa um pelotão de fuzilamento e Machado dos Santos é fuzilado no local ficando na valeta.

Os restantes presos, à exceção de Cunha Leal, são assassinados no Arsenal da Marinha.

Cumpra a fábula de La Fontaine “as revoluções devoram sempre os seus próprios filhos”



Forças revoltosas no Arsenal da Marinha

7 de Fevereiro de 1927 o Revirinho

Desencadeada a partir do Porto, comandada pelo General Sousa Dias, em 3 de fevereiro, com o objetivo de derrubar a Ditadura Militar do General Carmona.

Em Lisboa as forças revoltosas foram comandadas por Agatão Lança e Mendes dos Reis, tendo como principais palcos A Rua Alexandre Herculano, o Parque Eduardo VII, o Largo do Rato, Rua de São Filipe Nery e Bairro Alto.

As forças da ditadura foram comandadas pelo ministro da guerra General Passos e Sousa, as quais instalaram os seus dispositivos defensivos em pontos estratégicos, que mantiveram. Alto do Duque, Castelo de São Jorge, Monsanto e jardim do Torel, guarnecidos por unidades dotadas de grande poder de fogo como eram Caçadores 5, artilharia 3 e metralhadoras 1.

Neste contexto a tentativa de golpe protagonizada pelas forças heterogéneas do revirinho foram derrotadas em Lisboa, como já tinha acontecido no Porto. Desta revolta resultou um número de vítimas mortais bastante expressivo, cerca de 80.



*O Comandante Jaime de Morais é levado vendado a negociar a rendição das forças do revirinho da revolta de 3-7
Fev. Porto e Lisboa*

4 de Julho de 1937 Tentativa de assassinato de Salazar

Ponto final da nossa visita na Av. Barbosa do Bocage para falar um pouco sobre o único atentado preparado e realizado para assassinar o Presidente do Conselho, António Oliveira Salazar, em 4 de Julho de 1937, junto à porta da residência do Dr. Josué Torquado.

Vivia-se o período da Guerra Civil de Espanha que opôs legitimistas ou republicanos e nacionalistas liderados, primeiro pelo General José Sansjuro e depois por Francisco Franco.

A missão tinha por objetivo desferir um golpe mortal no regime português pelo apoio que prestava aos nacionalistas espanhóis de Franco na altura em confronto de larga escala contra as forças republicanas (legitimistas).

O Comando que assumiu esta missão foi liderado por Emídio Santana, um anarcossindicalista, tendo como membros Raúl Pimenta e Sílvio Ferreira, ex. membro do comité central do Partido Comunista, companheiro de Bento Gonçalves, interveio também um taxista António Granja, também ele anarcossindicalista.



Local onde deflagrou o engenho explosivo que tinha por objetivo assassinar Salazar

Outros nomes a reter: José Catela, José Baleizão do Paço, Leone Santoro, Juiz Alves Monteiro

Falaremos dos pormenores deste atentado in loco, uma vez que este episódio abriu uma frente inesperada de luta interna entre o poder político ou seja, Salazar, e a cúpula da polícia política, PVDE, liderada pelo capitão Agostinho Lourenço...foi a crise mais fraturante que opôs estes dois homens ao longo de cerca de vinte cinco anos de convivência durante os quais o capitão Agostinho Lourenço guardou os segredos mais importantes do país e foi o protetor quer da ditadura militar quer do Estado Novo.

Falaremos dele junto ao local do acontecimento para ver se ainda há cheiro de pólvora...

Espero que tenham gostado

Obrigado pela vossa presença.

LPC/2018